

REPRESENTAÇÕES ANTICOMUNISTAS NAS PÁGINAS DO JORNAL *CORREIO JOSEENSE* (1955-1964)

*Rafael de Paula Silva*¹, *Prof.^a Dr.^a Valéria Zanetti*²

1, 2 - Núcleo de Pesquisa Pró-Memória São José dos Campos – Laboratório de Pesquisa e Documentação Histórica – IP&D – Univap Av. Shishima Hifumi, nº 2911, Urbanova - CEP 12244-000 – São José dos Campos/SP. rpsilvad@yahoo.com.br, vzanetti@univap.br

Resumo - Este presente artigo tem por objetivo analisar as representações anticomunistas reproduzidas pelo jornal *Correio Joseense* entre os anos de 1955 a 1964. A construção de tais representações intensificou-se durante o período da Guerra Fria com o aprofundamento da oposição entre capitalismo e comunismo. As discussões acerca desse conflito tornaram-se comuns no Brasil e, em São José dos Campos não foi diferente. Para realizar a análise, pretende-se apresentar algumas reflexões oriundas de leituras teóricas que envolvem temas relacionados ao anticomunismo, representações, Guerra Fria e contextualização histórica do Brasil na década precedente ao golpe civil-militar.

Palavras-chave: Representações, Anticomunismo, São José dos Campos, *Correio Joseense*.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

Introdução

O século XX foi marcado pela oposição entre capitalismo, representado pelos Estados Unidos, e comunismo, cujo principal representante era a União Soviética. Essa tensão intensificou-se durante a Guerra Fria, atingindo inúmeros países. Neste conflito de ideologias foram construídas várias representações sobre o imaginário comunista.

A partir da década de 1950, as representações marcaram presença na sociedade brasileira. Os meios de comunicação participaram da construção do imaginário anticomunista, caracterizando o comunismo como um “perigo” para a sociedade brasileira (GIMÉNEZ, 1999: 19). A cidade de São José dos Campos não esteve alheia às tensões e, por meio da imprensa, repercutiu o confronto entre as ideologias.

Busca-se discutir as representações sobre o comunismo construídas/reproduzidas pelo jornal *Correio Joseense* nos anos que antecederam o golpe civil-militar (1955-1964). Num primeiro momento pretende-se analisá-las baseando-se em questões referentes ao catolicismo, nacionalismo e liberalismo, identificadas por Sá Motta (2002: 20) como as matrizes anticomunistas. Por fim, busca-se identificar outros aspectos presentes nas edições do jornal, que envolvam construções acerca do imaginário anticomunista.

Para detectar a presença dessas representações no jornal, foram analisados artigos do *Correio Joseense* relacionados direta ou indiretamente com o comunismo entre os anos de 1955 e 1964, quando efetivou-se o golpe civil-militar.

Metodologia

Para realizar essa pesquisa, utilizou-se como referência livros que abordam discussões acerca do contexto nacional nas décadas de 1950 e 1960, além de produções teóricas que analisam as representações anticomunistas na sociedade brasileira. Destacam-se o artigo *O Mundo como Representação*, onde Roger Chartier discute o conceito de representações e a obra *Em Guarda contra o Perigo Vermelho* de Rodrigo Patto Sá Motta. Como fontes, foram pesquisados vários artigos do jornal *Correio Joseense* entre os anos de 1955 e 1964. Tais artigos noticiam acontecimentos sobre o contexto mundial, nacional e local, construindo representações acerca do imaginário comunista.

Discussão

De acordo com Marylu Alves de Oliveira (2008: 23), a nova ordem social proposta pelo comunismo, sugerindo mudanças estruturais da sociedade, despertou um “temor” em vários grupos sociais. Para José Antônio Segatto (2008: 239), o contexto histórico da Guerra Fria, caracterizado pela disputa de poder e sistemas econômicos, contribuiu para intensificar o confronto de posições e alternativas.

Alessandro Santana Cunha (2008: 38) discorre sobre as bases da tradição anticomunista na sociedade brasileira. Segundo ele, o conflito entre as ideologias de extrema direita e extrema esquerda intensificava-se gradativamente desde a década de 1930, com a expansão da União Soviética.

No Brasil, esse conflito evidenciou-se com o advento da “Intentona Comunista”, uma tentativa fracassada dos comunistas assumirem o poder durante o governo Vargas em 1935 (FAUSTO, 2006: 74).

Este conflito teve repercussão na cidade de São José dos Campos. Já na década de 1930, ocorreu a primeira grande campanha na imprensa contra o comunismo. Um dos principais veículos de informação do município, o *Correio Joseense*, esteve a serviço da “Bandeira”, um movimento nacionalista que objetivava conter a entrada de “ideologias estrangeiras”, como o comunismo, no Brasil. Nesse sentido, o espaço cedido ao movimento visava “educar” os joseenses, preparando-os para um novo tempo, livre do comunismo (CUNHA, 2008: 44-46).

Para Andrea Beatriz Wozniak Giménez (1999: 34) os jornais deveriam ser considerados como veículos formadores de opinião, porque era por seu intermédio que a população tinha acesso às informações. Maria Helena Capelato endossa essa visão, analisando a imprensa

como um agente histórico, pois intervém na vida social registrando e comentando os acontecimentos. Como fonte de análise deve ser considerada espaço de representação simbólica de momentos particulares da realidade (CAPELATO apud GIMÉNEZ, 1999: 34).

Outro período onde a abordagem anticomunista ganhou destaque foi no final da década de 1950, quando os comunistas começaram a ter maior inserção na sociedade brasileira. O Partido Comunista Brasileiro tornou-se um dos protagonistas no processo histórico do período, obtendo grande receptividade entre os sindicatos e estudantes e na atuação em favor das reformas e no caráter nacionalista e antiimperialista (SEGATTO, 2008: 233-234).

Os meios de comunicação refletiram esse “medo”, construindo inúmeras representações do imaginário anticomunista.

Roger Chartier (1991: 177) conceitua representações como um meio utilizado por indivíduos e grupos, que almejam dar sentido ao seu mundo. Dessa forma, o estudo das representações torna-se relevante para estudar as tensões e relações exercidas por determinada sociedade.

De acordo com Rodrigo Patto Sá Motta (2002: 20) as representações anticomunistas teriam sido motivadas por três matrizes: o catolicismo, o nacionalismo e o liberalismo. A interação entre as matrizes forneceu suporte para o anticomunismo,

contribuindo na construção da imagem do comunismo como o “perigo vermelho”. Essas três vertentes foram identificadas em alguns artigos do *Correio Joseense*.

Sá Motta (2002: 29-30) afirma que a vertente nacionalista foi influenciada por modelos conservadores do século XIX, como o romantismo alemão. Ao considerar a nação um conjunto orgânico, não se admitiam conflitos, que eram vistos como causadores de desequilíbrios sociais.

Nos artigos do *Correio Joseense* foi observada a crítica à ausência de patriotismo dos brasileiros. O comunismo, nessa concepção, atuaria agravando o subconsciente popular com idéias separatistas. Um artigo denominado “Perigo à Vista” associa o comunismo à causa do enfraquecimento desse conjunto orgânico, pois ele seria responsável por “semeiar a desunião das classes dirigentes do país” (*Correio Joseense*, 4 de maio de 1958: 4).

Os comunistas defenderiam ideais oriundos da União Soviética, o que os rendeu a acusação de “traição à pátria” (*Correio Joseense*, 4 de maio de 1958: 4). Carla Luciana Silva (SILVA apud GONÇALVES, 2003: 277) observou que essa representação do comunismo como inimigo da nação é uma construção histórica que já existia anteriormente à Intentona Comunista.

A defesa dos símbolos nacionais também compôs a representação anticomunista (SÁ MOTTA, 2002: 31). O *Correio Joseense* noticiou a preocupação de que, caso o comunismo fosse instalado no Brasil, uma das medidas seja a adoção da “bandeira vermelha (...) em substituição ao nosso pavilhão auri-verde” (*Correio Joseense*, 15 de março de 1964: 4).

Outra vertente identificada por Sá Motta (2002: 38) era o liberalismo, que tinha dois postulados atacados pelo comunismo: o da liberdade e o da propriedade privada.

Nas vésperas do golpe civil-militar, ao criticar a política de Goulart, o *Correio Joseense* posicionava-se a favor da defesa da propriedade privada.

Dos seus atos de assalto as propriedades particulares, ficou bem claro que o nosso país já se encontra em caminho para a sua sovietação (*Correio Joseense*, 15 de março de 1964: 4).

Em um artigo de 1957 questionam-se as doutrinas políticas que pregavam o predomínio dos interesses coletivos sobre os individuais, pois elas seriam responsáveis pela eliminação da liberdade individual (*Correio Joseense*, 17 de março de 1957: 2).

Segundo Marylu Oliveira (2008: 22), o comunismo não representaria apenas uma oposição ao regime capitalista. Significava também uma oposição à própria democracia.

Ao lamentar a morte de John Kennedy, o *Correio Joseense* aborda essa representação. O presidente norte-americano simbolizaria a defesa da democracia diante do regime comunista.

(...) a maior defesa, esperança e confiança na manutenção da democracia, contra os regimes da força truculenta e barbarismo mantidos pelo nefasto comunismo, que também nos ronda a sombra do nosso governo e seus asseclas esquerdistas. (*Correio Joseense*, 24 de novembro de 1963: 1)

A terceira vertente a ser analisada envolve questões acerca do catolicismo. Nela, o comunismo representava um “inimigo absoluto”, pois além de questionar princípios religiosos, ainda propunha uma nova filosofia, uma nova moral. Sá Motta aborda a oposição entre religião e comunismo, afirmando que o comunismo era caracterizado como uma doutrina que

negava a existência de Deus e professava o materialismo ateu; propunha a luta de classes violenta em oposição ao amor e à caridade cristãs; pretendia substituir a moral cristã e destruir a instituição da família; defendia a igualdade absoluta contra as noções de hierarquia e ordem, embasadas em Deus. No limite, o sucesso da pregação comunista levaria ao desaparecimento da Igreja, que seria um dos objetivos dos líderes revolucionários (SÁ MOTTA, 2002: 20).

Tornou-se recorrente a busca por aspectos da tradição católica dos brasileiros para justificar o anticomunismo. Alguns vestígios cristãos, como a denominação “Terra de Santa Cruz”, foram usados visando aproximar o público da religião e distanciá-lo das idéias comunistas. O *Correio Joseense* (19 de novembro de 1961: 3) publicou um discurso do vereador Dr. Sebastião Henrique da Cunha Pontes. O vereador utiliza-se das crenças, “que são nossas, que foram de nossos pais e que fora de nossos avós”, para afirmar que a tradição cristã seria a solução para superar as tensões do período.

Fábio Zanutto Candioto (2005: 14) afirma que a repetição e a divulgação de uma idéia pode gerar

tanto uma discussão na sociedade, quanto a sua expansão. Dessa maneira, procurava-se difundir o pensamento de que os cidadãos deveriam seguir os exemplos da história do país, repleta de aspectos religiosos.

Chartier (1991: 178) destaca duas hipóteses acerca da construção de sentido por parte dos leitores em geral. A primeira considera essa construção como um processo histórico e, como tal, seria influenciada pelo período, espaço e os grupos sociais. A segunda trata a construção de sentido como fruto da maneira pela qual os leitores recebem um texto, construindo significações múltiplas.

Por intermédio do artigo “Uma ‘charge’ infeliz”, o *Correio Joseense* demonstrou sua revolta diante publicação de uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, no jornal “Ultima Hora”. Para o jornal joseense, os brasileiros deveriam se manifestar contra esse tipo de recurso, sinalizando seu repúdio aos “extremistas”, que pretendiam “achincalhar e ridicularizar a Religião ofendendo os sentimentos cristãos da nossa gente” (*Correio Joseense*, 8 de setembro de 1963: 4). Prossegue o periódico, atestando que os grupos religiosos de São José dos Campos demonstraram seu repúdio com a ousadia do jornal.

Tatiana Nunes Teófilo (2009: 92) analisa a utilização da imprensa em São José dos Campos pelos setores religiosos interessados em garantir a manutenção da ordem por meio da difusão das ideologias de moral. Segundo ela, aliados aos grupos hegemônicos, a atuação dos religiosos contribuiu para preservar a ordem.

Sá Motta (2002: 25-28) confirma que essa atuação transcendeu o espaço interno da igreja. Utilizaram o poder e a força política da instituição para atingir o maior número de pessoas. A imprensa, dessa forma, foi um dos meios utilizados pelos religiosos.

No final de 1959, as vésperas das eleições, o *Correio Joseense* publicou um artigo escrito pelo padre Cyrillo Paes, intitulado “Os Candidatos estão aí: Cuidado com eles...”. Inicialmente, o artigo alertava a população sobre a importância da escolha de bons candidatos. Finalizando o artigo, o padre questionou sobre a visão oficial da Igreja Católica diante de partidos aliados ao comunismo, almejando orientar os eleitores católicos.

Foi perguntado a esta Suprema Congregação se é permitido aos católicos, nas eleições dos representantes do povo sufragar os partidos ou candidatos os quais, ainda que não professem princípios opostos a doutrina católica, e até mesmo se declararem cristãos, de fato, porém aliam-se aos comunistas

e, pelo seu modo de agir, dão apoio aos mesmos (*Correio Joseense*, 4 de outubro de 1959: 1-4).

A resposta foi objetiva. Baseando-se nos Decretos do Santo Ofício, a Igreja respondeu negativamente. A orientação de Roma era para que os católicos não elegessem nenhum comunista, nem candidatos com tendências esquerdistas, demonstrando a concepção que catolicismo e comunismo eram incompatíveis (OLIVEIRA, 2008: 28).

Em outro artigo, o poder da Igreja se evidencia, revelando o seu sentido de orientação e condução do pensamento de seus fiéis.

(...) sendo a Igreja a Mãe e a Maestra de todos os povos, ele se sentia obrigado a trazer neste instante uma palavra de ordem, a trazer neste instante uma definição (...) (*Correio Joseense*, 19 de novembro de 1961: 3).

Para Sá Motta (2002: 46) as representações anticomunistas foram construídas, portanto, por valores relacionados ao catolicismo, nacionalismo e ao liberalismo.

A União Soviética, principal núcleo comunista, foi caracterizada por um conjunto de representações baseadas em temas, como moral, ateísmo, violência e condições sociais (SÁ MOTTA, 2002: 72).

O *Correio Joseense* denuncia que as condições habitacionais dos russos estavam piores se comparados com o período anterior a 1917. Enquanto a população vivia em casas apertadas, muitas vezes sem banheiro, inúmeras edificações grandiosas e luxuosas foram construídas para o usufruto do Partido Comunista (*Correio Joseense*, 16 de fevereiro de 1958, 3).

Algumas propagandas procuravam demonstrar que o sistema econômico soviético apresentava problemas estruturais, sendo menos eficiente que o capitalista. A baixa produtividade seria predominante na economia comunista, contribuindo para o imaginário que “o comunismo representaria um retrocesso em relação ao capitalismo” (SÁ MOTTA, 2002: 41).

O progresso econômico da Rússia é superficial. E se basêia quase que inteiramente nas indústrias de guerra. O aspecto superficial de toda a evolução econômica soviética resulta do fato de que (...) a agricultura, que tem que ser a base de qualquer progresso porque é a fonte de alimentação do povo, não tem

evoluido nas terras russas (*Correio Joseense*, 21 de outubro de 1956: 3).

Na seqüência, culpa-se a reforma agrária pelo fracasso da economia soviética, que teria estatizado os latifúndios, deixando os camponeses em piores situações. Dessa forma, o jornal reproduziu o discurso de que o comunismo não extinguiria as desigualdades sociais, nem proporcionaria desenvolvimento econômico.

Em oposição a essa situação crítica da União Soviética, os Estados Unidos foram apresentados como um país em expansão. A facilidade na aquisição de bens de consumo e a redução considerável da carga horária, presentes nas promessas de campanhas eleitorais do Partido Republicano, seriam alguns dos benefícios do país. O *Correio Joseense* ainda ressalta outros itens da campanha:

1. A eliminação dos resíduos de pobreza e baixo nível de vida, bem como de qualquer discriminação econômica, que por ventura ainda existam no país.
2. A eliminação de qualquer antagonismo entre o trabalhador e o capitalista, promovendo o bem estar do povo como um todo e sem favorecer este ou aquele grupo (*Correio Joseense*, 28 de outubro de 1956: 3).

Dirigindo-se aos trabalhadores, o *Correio Joseense* noticia que o comunismo não proporcionou nenhuma vantagem social. Pelo contrário, em caso de “desobediência” dos trabalhadores, “serão os mesmos metralhados nas vias públicas para a segurança do novo regime: o Comunismo” (*Correio Joseense*, 19 de janeiro de 1964: 1). Nas mesmas condições de violência encontravam-se os industrialistas. O gerente industrial não saía de casa a noite, pois “os trabalhadores podem agredi-lo e mata-lo” (*Correio Joseense*, 2 de março de 1958: 2).

Segundo as representações anticomunistas, predominava nos países em que o regime comunista havia se instalado a degeneração moral (OLIVEIRA, 2008: 21).

No *Correio Joseense*, encontra-se a caracterização do comunismo como algo que nunca proporcionou melhoras ao Brasil. O mesmo artigo prega a ordem ao criticar as revoluções. A crítica prossegue, fazendo referência à Intentona Comunista, ocorrida em 1935, e às tristes conseqüências do comunismo:

Sabe-se que a nação vem navegando, desde o advento da

primeira intentona, na “Embarcação do Inferno”. A atual geração já está sentindo sobre seus ombros o peso de uma responsabilidade insuportável. Sim, porque os prejuízos materiais cedo ou tarde são suscetíveis de reparação, porém os morais permanecem sem solução de continuidade atormentando os espíritos, por mais fortes que eles sejam... (*Correio Joseense*, 17 de abril de 1955, 61).

Essas notícias relacionadas à União Soviética, caracterizando-a pelo predomínio da violência, miséria, desigualdade social, exploração reforçavam a concepção das deficiências da política social comunista. A realidade nesses países “estaria mais para inferno que paraíso” (SÁ MOTTA, 2002: 75).

Caracterizações como “oportunistas”, “exploradores”, “desumanos”, “maus”, “sem escrúpulos” habitaram os artigos do jornal. Ora, “os comunistas não tem amigos, mas oportunidades. Sacrificam sem remorso todos os amigos que tiverem (...)” (*Correio Joseense*, 10 de novembro de 1957: 2); ora eram adjetivados de monstros:

Mas, a verdade é que os países verdadeiramente democráticos não se intimidam com a arrogância da Rússia e seguem a sua marcha com destemor, dispostos a reagirem na defesa de sua integridade territorial e política, desprezando e não tomando conhecimento dos arreganhos dos **monstros que governam a Rússia** [Grifo Nosso] (*Correio Joseense*, 18 de novembro de 1956: 1).

Em uma reedição de um artigo publicado no jornal carioca *Diário da Noite*, reforçou a representação do comunismo como responsável por perturbar a tranqüilidade e a ordem. Por outro lado, os operários foram destacados por sua fé.

Somos testemunhas do trabalho, da fé dos operários dessas fábricas. São homens que lutam com sacrifícios, mas lutam inspirados em Jesus Cristo, dentro da ordem e da paz, embora às vezes, se vejam arrastados por elementos maus, aves de rapinas que vieram de fora para perturbar a tranqüilidade. Aves de rapinas, pagas com dinheiro da Rússia, e que vieram procurar tirar Cristo do

coração desses operários [Grifo do jornal] (*Correio Joseense*, 3 de dezembro de 1961: 3).

Segundo o *Correio Joseense* (3 de dezembro de 1961: 4), a cidade de São José dos Campos não ficou alheia ao “perigo comunista”, pois era a base comunista no Vale do Paraíba. Os joseenses, no entanto, não estavam passíveis diante dessa “infiltração”. A classe médica posicionou-se contra essa “bolchevisação” do país, enviando ao jornal *Estado de São Paulo* sua preocupação com a presença comunista no município (*Correio Joseense*, 15 e março de 1964: 1).

Conclusão

Discutir as representações anticomunistas é considerar dois caminhos que apontam diferentes direções. Mesmo que apresentem uma visão deturpada da realidade, elas baseiam-se em aspectos verdadeiros dessa realidade (SÁ MOTTA, 2002: Introdução).

Roger Chartier endossa essa visão:

A relação de representação é, desse modo, perturbada pela fraqueza da imaginação, que faz com que se tome o engodo pela certeza [sic], que considera os signos visíveis como índices seguros de uma realidade que não o é. (CHARTIER, 1991: 185)

O *Correio Joseense* repercutiu as tensões e o “medo” acerca do comunismo, posicionando-se contrário a ideologia. Utilizou-se das vertentes católicas, nacionalistas e liberais para combater o regime, caracterizando-o negativamente. Defendia, por outro lado, os Estados Unidos, representante capitalista, como exemplo de desenvolvimento econômico e social.

O jornal aproximava essas questões da população joseense ao retratar o “perigo comunista” como uma constante “ameaça” à ordem e à moral vigente no país. São José dos Campos não estaria livre desse “problema”, tornando-se necessário a participação política dos indivíduos em defesa dos ideais cristãos, morais e sociais.

Referências

CANDIOTO, Fábio Zanutto. **À luz da modernidade joseense (A Light em São José dos Campos de 1935 a 1945)**. Trabalho de Conclusão de Curso. São José dos Campos: Universidade do Vale do Paraíba, 2005.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estud. av.** [online]. 1991, vol.5, n.11, pp. 173-191. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100010&lng=en&nrm=iso. Acesso em 15 de julho de 2011.

CUNHA, Alessandro Santana. **Brasileiro até a medula dos ossos: Nacionalismo e autoritarismo em Cassiano Ricardo**. Trabalho de Conclusão de Curso. São José dos Campos: Universidade do Vale do Paraíba, 2008.

FAUSTO, Bóris. **Getúlio Vargas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GIMÉNEZ, Andrea Beatriz Wozniak. **As representações anticomunistas na grande imprensa curitibana (1961-1964)**. 1999. 72f. Monografia (Bacharel em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 2006.

GONÇALVES, Marcos. O Anticomunismo no Brasil. **História: Questões & Debates** [online]. 2003, n. 39, p. 277-281. Disponível em: <ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/download/2733/2270>. Acesso em: 22 de maio de 2011.

OLIVEIRA, Marylu Alves de. **Em nome de Deus, da democracia e da terra: representações anticomunistas na década de 1960 no Piauí**. 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses>. Acesso em: 10 de julho de 2011.

SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva/Fapesp, 2002.

SEGATTO, José Antônio. PCB: a questão nacional e a democracia. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). **O Brasil Republicano: O tempo da experiência democrática. Da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

TEÓFILO, Tatiana Nunes. **A Cidade Dita (e) Dura: Reflexões sobre a memória construída pelo Diário de São José dos Campos**. Trabalho de Conclusão de Curso. São José dos Campos: Universidade do Vale do Paraíba, 2009.

Fontes

Correio Joseense. 1955 a 1964. Arquivo Público do Município de São José dos Campos.